

Entre a tinta e o papel: escritas e pesquisa em diários de formação



Elizeu Clementino de Souza

Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
esclementino@uol.com.br

refletir sobre dimensões teóricas, epistemológicas e metodológicas das escritas ordinárias e, mais especificamente, dos diários como perspectiva (auto)formativa no campo da formação de professores, é a intenção do presente texto.

A compreensão e prática de pesquisa-formação que temos desenvolvido com as histórias de vida, os diários biográficos e as narrativas de formação de professores (SOUZA, 2006, 2006a, 2006b, 2006c), centram-se na escrita de si, especificamente no espaço das práticas de formação de professores, no âmbito do DEDC – Campus I / UNEB (Departamento de Educação – Campus I – Universidade do Estado da Bahia).

Tomarei aqui algumas considerações sobre o trabalho com o diário de aula, expressas através das escritas de si em cadernos escolares, com ênfase nas reflexões sobre as experiências de formação desenvolvidas nas Disciplinas de Pesquisa e Prática Pedagógica III - IV e Estágio

Supervisionado, por revelarem dimensões (auto)formadoras no processo de formação, visto que o trabalho com diário¹, focado no processo narrativo, torna possível apreender as inter-relações entre as diversas situações e dimensões experienciais da/na sala de aula.

A formação centrada no sujeito tem se configurado como um paradigma que possibilita reflexões sobre o vivido, ao propiciar aproximações com lembranças, histórias e representações sobre as aprendizagens e discursos pedagógicos construídos no espaço escolar, revelados nas escritas dos cadernos escolares, numa dialética entre as marcas impressas da vida e explicitadas no jogo lingüístico entre a tinta e o papel.

No processo de construção das narrativas escritas e da socialização destas experiências na sala de aula, tenho observado e escutado os significados que os colaboradores em formação estabelecem às reconstruções de suas trajetórias em seus textos narrativos, a partir das histórias de suas vidas e dos recortes sobre as vivências e aprendizagens dos percursos e trajetórias de vida-escolarização.

As narrativas de formação veiculadas nas escritas, através dos cadernos escolares, no papel de monobloco ou em folhas de ofício, transformam-se em diários de formação e demarcam um espaço onde o sujeito, ao selecionar aspectos da sua existência e ao tratá-los na perspectiva

¹ A construção do trabalho com os diários, como perspectiva de formação, ancora-se nos estudos Holly (1992), Zabalza (1994), Cunha (2000), Hess (2006), Souza e Cordeiro (2007), por apresentarem e discutirem questões teóricas e metodológicas sobre as escritas do diário, suas formas particulares e implicações no contexto cotidiano e contemporâneo da formação de professores.

escrita, organiza idéias, percursos e potencializa a reconstrução da vivência pessoal-profissional de forma auto-referente da itinerância de sua própria existencialidade.

Para Souza e Cordeiro (2007) o movimento gerado pela escrita da narrativa remete o sujeito a viver, enquanto ator-autor de sua singularidade, ao tempo em que investe em sua interioridade e no conhecimento de si (SOUZA, 2006), estimulando questionamentos sobre suas identidades, as quais são reveladas na escrita do diário, enquanto atividade formadora.

Nesta perspectiva, as narrativas expressas nos cadernos/diários tornam possível revelar modos e princípios da formação e sobre o cotidiano escolar-profissional, as quais destacam dimensões da racionalidade técnica que estruturam discursos pedagógicos que compõem o agir e o pensar docente, bem como as amarras cristalizadas na e sobre a prática docente. O trabalho desenvolvido com os diários de formação tem permitido avançar na superação de enfoques relacionados à racionalidade técnica como princípio da formação docente, no espaço da universidade, configurando-se como paradigma formativo e (auto)formativa para os sujeitos implicados - professores e alunos - com o projeto de formação.



Diário de Aula - Estágio Supervisionado e Caderno Escolar ² - Diário de Estágio³

Destaco que o ato de lembrar e narrar remete o ator-autor a reconstrução de diferentes experiências de formação, desvelando dispositivos pedagógicos e criando espaços para a compreensão da sua própria prática. Desta forma, o diário de aula, conforme Holly (1992) caracteriza-se como fecundo para o desenvolvimento profissional, através do registro sobre a

² Muitos dos cadernos utilizados para as escritas dos diários são em brochura, com capas coloridas ou em folhas de monobloco. Destacam-se também os cadernos em espiral e com imagens infantis nas capas.

³ Em diferentes diários as imagens infantis ilustram as capas e demarcam dimensões da feminização e percepção do trabalho docente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

prática, exigindo reflexão implicada e distanciada sobre o trabalho de formação, ao explicitar questões didático-pedagógicas da cultura escolar, com vistas à re-elaboração do trabalho docente. A escrita do diário configura-se como um momento de reflexão e de avaliação da prática e sobre a prática no contexto da formação. A escrita revela percepções sobre o planejado e o vivido, possibilita repensar o trabalho docente, as aprendizagens construídas e, conseqüentemente, revisitar o vivido, em função da ressignificação da prática docente.

Percursos e trajetórias de formação: cadernos e escritas em diários

As discussões apresentadas sobre as escritas e as perspectivas de formação, no âmbito da formação de professores, vinculam-se as experiências desenvolvidas com um grupo de alunas do Curso de Pedagogia do DEDC – Campus I/UNEB (Departamento de Educação)⁴, no período de março de 2001 a março de 2002, especificamente, no que concerne à prática de ensino e estágio supervisionado vivenciada com o grupo.

⁴ Faço referência à pesquisa desenvolvida (SOUZA, 2006) no Departamento de Educação do Campus I da UNEB e em duas escolas públicas estaduais na Região Metropolitana de Salvador. A escolha destes espaços para investigação afirma-se, inicialmente, porque no primeiro atuo como Professor de Prática Pedagógica II e III e Estágio Supervisionado, nascendo daí os colaboradores da pesquisa; o segundo espaço configura-se como o campo de estágio das alunas da Habilitação em Séries Iniciais do Ensino Fundamental. São colaboradores da pesquisa as alunas dos 7º e 8º semestre do Curso de Pedagogia do Departamento de Educação do Campus I da UNEB, da Habilitação em Séries Iniciais do Ensino Fundamental, do ano de 2001/2002.

Neste momento, busco situar o percurso do trabalho com as narrativas – escritas de si, como uma das possibilidades formativas no estágio supervisionado, na medida em que apresento e analiso os movimentos da investigação, da formação e do estágio supervisionado referentes à experiência construída com o grupo.

A construção do trabalho de pesquisa-formação no contexto do estágio supervisionado, centra-se na abordagem experiencial (JOSSO, 2006), a partir das proposições e desafios formativos e (auto)formativos desenvolvidos no campo da formação. Afirmo Christine Josso que a abordagem biográfica, nomeadamente, inscreve-se numa perspectiva de investigação-formação por evidenciar “[...] um caminhar para si [...]” (2002, p. 44) e articula-se aos campos de conhecimento e de ações através da “[...] busca de si e de nós, a busca da felicidade, a busca de sentido e a busca de conhecimento ou busca do ‘real’ [...]” (p. 66) que potencializam o mergulho investigativo e formativo por parte do próprio sujeito e das buscas⁵ que empreendem no trabalho com a narrativa de si.

No presente trabalho, apreendo que a interioridade, as competências verbais e relacionas (JOSSO, 2002) foram se revelando a partir da entrada que cada sujeito fez no seu trajeto de escolarização e pôde, através da sua escrita, trazer marcas e lembranças da vivência escolar e

⁵ Ao discutir “[...] as buscas orientadoras dos itinerários e das escolhas de vida” (p. 66), Josso afirma que “o termo ‘busca’ me aparece particularmente apropriado: uma busca muitas vezes labiríntica com o que isso implica de explorações, de retrocessos, de revisitações, de becos sem saída, de chegada a uma grande sala do Tesouro, de descobertas de uma saída que se revela ilusória, etc [...]” (2002, p. 69).

socializá-las nas de Estágio Supervisionado, quando do momento da escrita dos diários de aula. Assim, afirma a autora que “[...] a situação de construção da narrativa de formação, independentemente dos procedimentos adotados, oferece-se como uma experiência potencialmente formadora, essencialmente porque o aprendente questiona as suas identidades a partir de vários níveis de atividade e de registro [...]” (2002, p. 29).

A escrita da narrativa da trajetória de escolarização permite ao sujeito compreender, em medidas e formas diferentes, o processo formativo e os conhecimentos que estão implicados nas suas experiências ao longo da vida porque o coloca em transações consigo próprio, com outros humanos e com o seu meio natural. Essas relações oferecem condições fundamentais para a escrita da narrativa, para a ampliação do conhecimento de si e para uma outra compreensão da formação inicial de professores e das leituras sobre as implicações das trajetórias de escolarização no projeto de investigação-formação.

O contexto do presente estudo nasce do projeto experiencial de investigação-formação, cujos diários e as escritas de si apresentam um caráter específico sobre a entrada na escrita do processo de escolarização, tendo em vista a descrição de micro-relações sociais, as quais contêm e revelam intencionalidades comunicativas expressas através das experiências de vida.

No que se refere aos diários – cadernos escolares, os mesmos apresentam descrições e reflexões das atividades desenvolvidas no espaço do estágio supervisionado. Compreendo que os

No que se refere à proposta de trabalho de Estágio Supervisionado, busco, a partir das intenções epistemológicas e didáticas da referida atividade, apresentar especificidades do projeto de formação que venho desenvolvendo no que se refere à formação inicial e suas implicações com a investigação-formação, através das narrativas do itinerário escolar das alunas e da escrita dos diários, como férteis no campo da formação.

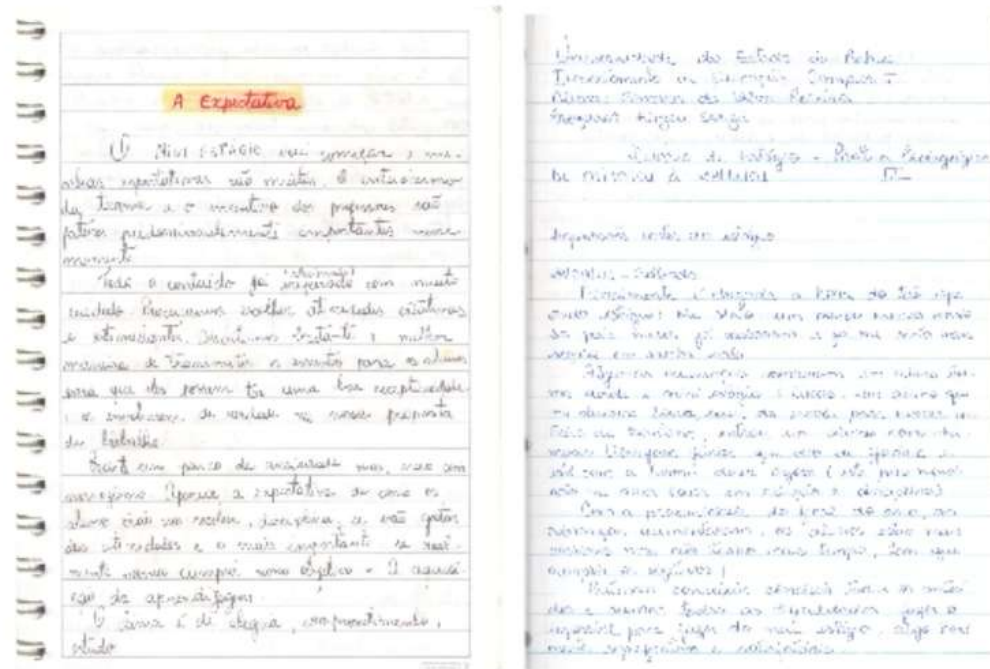
Desta forma, o trabalho de Estágio Supervisionado centra-se no estudo sócio-político da escola, o qual prioriza discutir historicamente a função do ato educativo, enfocando a conjuntura nacional, a fim de possibilitar a leitura crítica da realidade por parte das alunas. Desdobra-se na superação da fragmentação teoria/prática como princípio norteador da disciplina, a qual nos possibilitará, coletivamente, reavaliar os fundamentos curriculares e suas respectivas influências e finalidades frente à formação do educador numa prática social concreta e 'emancipatória', logo, comprometida com um sujeito historicamente concreto e com um 'novo fazer pedagógico no espaço escolar'.

Nesse sentido, dada às necessidades levantadas na prática docente e na experiência em Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental, é que defino diferentes momentos para o curso, na tentativa de subsidiar as alunas e potencializar a construção do trabalho através da escrita da narrativa da vivência escolar e dos diários como vertente/eixo propulsor do trabalho no estágio.

O que se objetiva com o trabalho pedagógico no estágio é que as alunas vivenciem, enquanto estagiárias, o exercício docente e ampliem as percepções desenvolvidas no momento de observação. É também função deste momento conhecer o cotidiano e a realidade da escola pública de ensino fundamental e estreitar relações com a professora e os (as) alunos/alunas da classe em que a experiência formativa é desenvolvida. Tenho percebido que existe uma incompatibilidade entre o projeto pensado e construído para o trabalho do estágio e a proposta pedagógica assumida pelas diferentes professoras. Boa reflexão sobre essa questão pode ser pensada entre a cultura escolar e a cultura do estágio, as quais na maioria das vezes são díspares.

No processo do estágio as estagiárias trabalham com os Diários de aula, os quais buscam contemplar registros das diferentes atividades planejadas, desenvolvidas e dos sentimentos e representações sobre a escola, a classe, a prática de ensino. O registro no diário começa com reflexões construídas por cada aluna sobre o sentido e significado de estar começando o estágio, suas impressões sobre a escola, suas percepções iniciais sobre o trabalho a ser desenvolvido. Desta forma, a escrita dos diários⁶ é subsidiada previamente por uma discussão teórica sobre o sentido da escrita, as implicações epistemológicas e metodológicas desta prática, bem como sobre a importância de que se reveste para o processo formativo e (auto)formativo.

⁶ Para a construção do Diário de Aula adotei como referência o trabalho desenvolvido por Zabalza (1994), visto que esta atividade possibilita no processo de formação uma reflexão sobre a coleta e análise dos acontecimentos no espaço da escola e da sala de aula.



Escritas do Diário de Estágio: Expectativa e Primeiras impressões

Sobre as expectativas em relação ao planejamento e o início do estágio, apreendo nos diários de aula diferentes representações, sentimentos e dificuldades expressas pela alunas. Os excertos apresentados a seguir fazem referência aos sentimentos (medo, insegurança, angústia, ansiedade, tranquilidade, confiança, certeza) e também a questões didáticas, tais como: a estruturação do tempo pedagógico; o planejamento; a quantidade de atividades que devem ser planejadas para cada aula; a escolha das atividades e a indisciplina dos alunos na sala de aula e tantas outras. Observo que mesmo para as alunas que já são professoras os sentimentos são próximos daqueles

expressos pelas alunas que não têm experiência docente, para além daqueles relacionados a atividades desenvolvidas no processo de formação na faculdade. A preocupação maior colocada pelo grupo versa sobre o acompanhamento e, mais especificamente, por estarem em situação de avaliação.

Sinto-me ansiosa cheia de duvidas e medo, não deveria, pois já estou exercendo a profissão há alguns anos e me vejo como uma boa profissional, porém é diferente, fico insegura quando sou observada como profissional não me incomodo, qualquer que seja a pessoa pode assistir a minha aula, isso me dá prazer, pois sou vaidosa e gosto de ouvi-las dizer que trabalho bem. Poderia dizer que não há diferença, mas no estágio não e a profissional que está em sala de aula, é a aluna com todas as suas dúvidas e dificuldades, e a questão da observação talvez pela minha insegurança é algo que não gosto de pensar, sei que existe, pois há uma necessidade do professor em avaliar e acompanhar todo o processo e que não faria sentido se não existisse, mas me incomoda. Falo com franqueza, acho que “peço” muito pela minha sinceridade, mas sou assim, gosto de falar o que sinto, não poderia dizer que está tudo certo, que me sinto bem, quando não é verdade. Uma outra questão são as dificuldades em organizar planos de aula, diários, atividades e de como conciliar tudo isso com o trabalho, dificuldades familiares, problemas de saúde. Sei que tenho que separar uma questão da outra, mas as vezes não é possível e acaba por interferir. (Diário – Lúcia)⁷

⁷ Os excertos aqui utilizados integram os diários de aula do Estágio Supervisionado, das alunas do DEDC – Campus I/UNEB, escritos no período de março de 2001 a março de 2002. Os nomes utilizados correspondem às identidades das alunas, conforme carta de cessão.

Para o ingresso no estágio, me sinto um pouco apreensiva, mas ao mesmo tempo tranquila, por ter uma campainha. Apesar dela não ter experiência com alfabetização, tem uma boa carga teórica e pôde perceber (no dia da observação), os pontos principais que precisaríamos trabalhar; em concordância comigo. Sei que iremos desenvolver situações de intensa construção tanto da nossa parte, quanto dos alunos e pretendo tirar o maior proveito disso. Ao mesmo tempo, acredito que temos muitas chances de desenvolver um bom trabalho por sermos uma dupla, por isso, apesar da bagagem que trazemos não ser igual, acho que em conjunto temos mais condições de enfrentar as dificuldades e lidar com as diferenças na sala. Infelizmente, o que me causa um certo desconforto (apesar de entender a necessidade) é a supervisão que implica em uma avaliação. Espero não perder a naturalidade, e nem ficar tentando adivinhar que aspectos estão sendo analisados no momento. (Diário – Ana Ivone)

A expectativa para o início do estágio ocorreu com uma certa angústia, ansiedade e insegurança, pois, além de eu ser ansiosa e insegura por natureza, as poucas experiências que tive, trabalhando com séries iniciais não foram assumindo a sala de aula, mas apenas observando ou auxiliando a professora regente; então, considero que não tive experiência propriamente dita nestas séries, e isto faz com que eu tenha esses sentimentos. A dúvida também esteve presente, e eu perguntava-me sempre: será que os alunos irão receber-me bem? Será que irão aceitar as atividades? Será que irão aprender? Será que terei domínio de classe? Será que vou conseguir passar os conteúdos de forma clara? Estas foram algumas das perguntas que me fiz durante o período de planejamento.

Espero que o estágio sirva para eu esclarecer dúvidas, enriquecer a minha prática, meu pensamento e, principalmente, aprender a cada oportunidade algo novo além, de questionar-me a respeito da educação hoje. (Diário – Simone)

A utilização do diário de aula torna-se imprescindível para o desenvolvimento do processo de formação e (auto) formação, porque assume funções significativas frente aos registros das atividades concebidas e desenvolvidas no espaço cotidiano da escola e da sala de aula. Entendo, ainda, que a utilização do diário possibilita aos atores registrarem os sentimentos, percepções, relatos dos sujeitos, reconstrução de diálogos, descrição do espaço físico, relato de acontecimentos no geral e no particular e descrição de atividades, tanto do processo de formação quanto da práxis didático-pedagógica.

A escrita da narrativa da trajetória de escolarização constitui-se eixo articulador das diferentes atividades desenvolvidas. A narrativa expressa os saberes dos sujeitos, suas experiências, sua subjetividade e singularidade como princípio fundamental para um conhecimento de si, através das lembranças e memórias que o processo identitário e a vivência da escolarização comportam. Daí perceber e compreender o estatuto e valor que tem a subjetividade como um projeto de conhecimento de si na escrita da narrativa de formação, porque é construída por um sujeito sociocultural, a partir de lembranças e experiências vividas.

O respeito pelas singularidades dos sujeitos, de suas histórias e das suas narrativas são princípios que foram colocados para o grupo desde o início do trabalho. A interação deve ser entendida como uma constante no trabalho com a abordagem biográfica e, especificamente, com o projeto formativo que utiliza as narrativas da trajetória de escolarização e os diários de aula como

uma das possibilidades formativas e (auto) formativas em relação à formação inicial de professores. A explicitação dos objetivos, de aspectos teórico-metodológicos e éticos da pesquisa precisam ser pensados, a partir da implicação e do distanciamento dos colaboradores envolvidos no processo de construção do texto narrativo, visto que o mesmo possibilita condições favoráveis para o tecido da narrativa da história de vida de cada sujeito.

As representações sobre o registro no diário aparecem com regularidade nas narrativas das alunas. O diário de aula possibilita analisar a prática pedagógica, uma vez que instaura um relembrar sobre a prática em sala de aula, aprimorando aspectos didáticos vinculados ao trabalho docente. Evidencio que são recorrentes as queixas e reclamações sobre a escrita, mas, nas primeiras partilhas sobre os diários, o grupo vai percebendo a fertilidade da atividade, o sentido de aproximar um olhar mais apurado sobre o cotidiano da sala de aula e rever posições, posturas e dispositivos engendrados sobre o trabalho docente revelado na escrita.

Referências bibliográficas

CUNHA, Maria Teresa Santos. Diários íntimos de professoras: letras que duram. In.: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Camara e CUNHA, Maria Teresa Santos. *Refúgios do eu: educação, histórias, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000, pp. 159/180.

HESS, Remi. Momento do diário e diários dos momentos. In.: SOUZA, Elizeu Clementino e ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006, pp. 89/104.

HOLLY, Mary Louise. Investigando a vida profissional dos professores: diários biográficos. In. NÓVOA, António (Org.). *Vida de Professores*. Porto: Porto Ed., 1992, pp.79-110.

JOSSO, Marie-Christine - *Experiências de vida e formação*. Lisboa: EDUCA, 2002.

_____. Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si. In.: SOUZA, Elizeu Clementino e ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006, pp. 21/40.

SOUZA, Elizeu Clementino de. *O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A, Salvador: UNEB, 2006.

SOUZA, Elizeu Clementino de – Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In.: SOUZA, Elizeu Clementino de & ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs.) *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006a, pp. 135/148.

SOUZA, Elizeu Clementino (Org.) - *Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino*. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006b.

SOUZA, Elizeu Clementino de - A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. *Revista Educação em Questão*, Natal, RN: EDUFRN, v. 25, nº 11, jan./abr. 2006c, pp. 22/39.

SOUZA, Elizeu Clementino de e CORDEIRO, Verbema Maria Rocha. Por entre escritas, diários e registros de formação. *Presente! Revista de Educação*, Salvador: CEAP, ano 15, n. 2, p. 44-49, jun./2007.

ZABALZA, Miguel Ágel. *Diários de Aula*: contributos para o estudo dos dilemas práticos dos professores. Porto: Porto Editora, 1994.